

CARLOS MALHEIRO DIAS

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA



LISBOA
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

PLÍNIO SALGADO

Em dois grupos podemos classificar as actividades do pensamento brasileiro contemporâneo. O primeiro é constituído pelos pesquisadores das complexas condições sociológicas em que progride e se consolida a formação da nacionalidade. Esse grupo de estudiosos considera prematuro submeter a um programa ou sistema político pré-estabelecido os fenómenos ainda não assás estudados dessa trabalhosa evolução e preocupam-se, salientemente, com as directivas a que deverá obedecer a preservação fundamental da unidade brasileira. Embora seguindo atentamente as experiências políticas da civilização ocidental, a que o Brasil está vinculado por tantos laços indissolúveis, duvidam de que tais experiências tenham já conduzido a resultados concludentes e que possam *in totum* aplicar-se ao Brasil. Essa posição de expectativa parece tanto mais justificável quanto é certo que no problema brasileiro intervêm preponderantes factores que lhe são exclusivos. Exceptuada a Rússia semi-asiática, tôdas as

nações da Europa representam aproximadamente, em seu conjunto, a área do Brasil. Na sua imensa projecção, o problema brasileiro abrange oito milhões e meio de quilómetros quadrados e prevê uma população de trezentos milhões—que ainda se está elaborando. Não há termos de comparação entre este problema gigantesco e aqueles que a Europa, constituída e saturada de civilização, tem de resolver. O próprio progresso incessante das ciências quasi infalivelmente gerará condições inéditas que haverão de entrar na apreciação geral ou parcial do problema. Já o trânsito aéreo e a radiotelegrafia profundamente alteraram as perspectivas perante as quais se encontravam os economistas do Império, anulando ou reduzindo espantosamente as distâncias, senão do espaço, mas na sua equivalência no tempo. As florestas insondáveis e intransitáveis do Amazonas puderam ser transpostas em algumas horas por Pinedo; e já o dirigível «Zeppelin» se propõe dentro de alguns meses, empreender uma viagem de turismo por sobre as mesmas selvas invioladas. O extensíssimo litoral atlântico brasileiro, desde a Guiana à Argentina, é regularmente percorrido pelos vertiginosos super-aviões de passageiros e correio. O automóvel veio trazer uma solução apropriada às comunicações convergentes ao sistema arterial ferroviário, economizando nos cálculos do futuro centenas de milhar

de quilómetros de vias férreas, substituídas por estradas de rodagem. A utilização em vasta escala potencial de força hidráulica acumulada nos desníveis dos grandes cursos fluviais libertará o Brasil de uma parte da sua dependência de Cardiff e New-Castle. Finalmente o almejado encontro de jazidas petrolíferas ou a substituição do precioso combustível na viação acelerada, aérea e terrestre virá—derruindo os actuais obstáculos — inaugurar imprevisíveis perspectivas na aceleração do progresso.

Os criadores de sistemas políticos, os sociólogos e os economistas têm de contar nos seus cálculos com essas e outras previsões, pois convém recordar que no curto espaço de meio século vimos o canal do Suez aberto por um ciclópico trabalho manual e o canal do Panamá juntar, pela interferência potencial das máquinas ao serviço da engenharia, as águas do Atlântico às do Pacífico. O prolongamento da crise mundial, que alterou o aparente equilíbrio económico do século anterior, bem como o aspecto sombrio que assumiram as finanças nacionais com a queda prolongada das exportações e a aglomeração dos *deficits* orçamentários — sintomas mórbidos hoje comuns à quasi generalidade das nações—ergueram-se ante os passos dos homens de Governo dotados do senso realístico a que devem subordinar-se a política e a administração do Estado. Nessas graves

apreensões os acompanharam os reformadores mais moderados. E há ainda os que objectam: — Porque experimentar novos processos quando ainda não praticamos com fiel e íntegra observância os processos em vigor? Como saber se os erros são do regime ou de quem o interpreta? Se os males provêm do sistema ou de nós?

No segundo grupo de pensadores reúnem-se homens de acção diversamente orientados, e nem sempre de acôrdo entre êles, que consideram independentes dos citados argumentos circunstanciais as soluções políticas e que subordinam a solução satisfatória daqueles problemas à concepção de um Govêrno dotado de independência, de autoridade e de continuidade.

Entre êsses patriotas impacientes e amargamente desiludidos de um passado que se obstina em perpetuar-se: patriotas para os quais se afigura um dever imprescritível corrigir, senão anular, desde já, uma maior propagação de erros e de ideologias nefastas, destaca-se o chefe do integralismo brasileiro, sr. Plínio Salgado.

O integralismo nunca saíu em Portugal da sua fase teórica e platónica. Foi mais uma disciplina moral e intelectual do que um sistema político, embora alguns dos seus adeptos se inspirassem nas doutrinas de Maurras e Vallois, de que é órgão a *Action Française*.

O Estado Novo, fundado pela intervenção

das forças militares na política — preconizada já nos movimentos abortados do comandante Filomeno da Câmara, antigo governador de Timor — animou-se a princípio pelo exemplo fascista e procurou as soluções políticas fora da ideologia integralista, a qual, não há que negar, influiu sensivelmente na preparação e preservação das novas gerações, criando nelas o interêsse pelos problemas político-sociais, acendendo um ideal nas suas jôvens e impressionáveis consciências. Deverá com justiça admitir-se que essa mística patriótica doou uma alma cívica à ditadura militar, mas não a dirigiu ou guiou na sua evolução.

O integralismo brasileiro, procurando embora acomodar-se às peculiaridades do complexo caso nacional, adoptou para a sua estrutura orgânica os processos italiano e alemão. É uma milícia; não é propriamente um partido. Quando outros objectivos práticos não atingisse, por ausência de condições favoráveis ao domínio, possivelmente conseguirá, à semelhança do tão mal recompensado integralismo português, implantar um corpo de doutrina plástica e disseminá-lo nas legiões da juventude, incutindo-lhes uma incompatibilidade intransigente com as ideologias dissolventes do marxismo, geradas através da marcha evolutiva do individualismo liberal; consolidando nelas a fé convicta nos destinos da pátria; preparando-as desde

cedo para a vida pública ; educando-as na disciplina e na solidariedade ; amestrando-as na escola da coragem cívica — transformando, enfim, a política num ideal. Contando já com mais de quatrocentos adeptos militantes, devidamente organizados e uniformizados, o integralismo brasileiro — o exército desarmado dos *camisas verdes* — enfrentou em S. Paulo uma agressão comunista, selou com o sangue dos primeiros mártires os seus compromissos idealistas.

Mas não é pròpriamente a sua actividade política que nos interessa. É como pensador que temos de considerar Plínio Salgado, situando-o no seu quadro, esboçando-lhe a biografia e deixando, finalmente, avaliar pelas suas doutrinas a influência e eficácia da sua acção.

Foi em Outubro de 1932 que Plínio Salgado, bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de S. Paulo, antigo deputado na Câmara estadual e um dos fundadores e dirigentes da Legião Revolucionária, para a qual redigira em 1931 um inflamado manifesto, lançou as bases do integralismo. Os princípios a que obedecia essa organização e os fins a que visava consubstanciam os ideais de que, há muito, o criador se tornara o propagandista e que o estudo e a experiência tinham reduzido ou subordinado a um corpo de doutrina ou sistema filosófico.

Já no seu livro de viagens *O Oriente se fixa*

a tendência a reduzir a esquemas de filosofia os pensamentos e impressões do autor. Do seu romance *A Voz do Oeste*, sôbre o período histórico das bandeiras, disse Azevedo Amaral «apresentar particular interêsse em um momento em que o renascimento rigoroso dos sentimentos patrióticos leva um número cada vez maior de brasileiros, sobretudo da nova geração, a estudar tudo o que se relaciona com as origens e o desenvolvimento formativo da nacionalidade». Vem depois a série recente de volumes *O Sofrimento universal*, *A quarta humanidade* e *Despertemos a Nação*, que foram precedidas pela *Psicologia da Revolução*, e nos quais aparecem compendiadas as conferências realizadas nas Faculdades de Direito de S. Paulo e Recife, na Associação Universitária da Baía, na Academia Paulista de Letras, no Teatro José de Alencar, de Fortaleza, etc.

Logo, ao primeiro exame dos textos publicados, se reconhece que na dialectica do pensador interfere frequentemente a *vis* combativa de um agitador e a técnica aforística, afirmativa e dogmática de um apóstolo e de um chefe.

As reticências, as perplexidades, as condicionais tão características das inteligências críticas, isentas de facciosismo, são substituídas, à maneira de Mussolini e de Hitler, por convicções imperativas e contagiosas. Estamos perante uma inteligência adestrada na acção, com

a vocação nativa do comando. É verdade que ele não faz tábua rasa da imponente obra mental do século XIX. Há certos assuntos sobre que paira ainda uma legítima dúvida. As suas doutrinas não parecem por enquanto ter atingido a nitidez e a concisão de um sistema solidamente articulado. No seu programa há ainda generalizações em demasia. Essa aparente insegurança resulta da nossa incompreensão ou das próprias condições singulares em que se apresenta o complexo dos problemas brasileiros?

De qualquer modo, o que é inegável é ter Plínio Salgado revelado um talento irrecusável de organização, que faz acudir ao pensamento os primeiros passos de Hitler, aliás facilitados pelo instinto gregário do povo alemão, pelos seus hábitos inveterados de disciplina, pela inquietude gerada nas catástrofes e atribulações padecidas e nas apreensões da ameaça comunista.

É necessário que o chefe do integralismo exagere e dramatize os perigos para criar mais facilmente um ambiente favorável à sua ofensiva doutrinária? Para servir essa tática ele dispõe de uma eloquência que sugestiona e arrebatou os auditórios dos jovens integralistas, os submete sem constrangimento a uma disciplina obediente, desenvolve nêles o sentido heróico da vida e os inflama de fé e patriotismo.

Já não é pouco para a aura de um chefe. A pequena antologia que reunimos em seguida facultará ao leitor uma interpretação mais segura e imparcial da sua ideologia política.

.....

Definição e objectivo do Integralismo — «A acção integralista brasileira não é um partido político.»

«O Integralismo é, ao mesmo tempo: a) uma atitude e uma actividade cultural renovadora; b) uma obra de educação intelectual, moral e física; c) um movimento político-social.»

«Como atitude e actividade cultural, o Integralismo abrange os domínios da filosofia, da sociologia, da crítica histórica, da economia, das finanças, das ciências experimentais, dos processos técnicos e das artes em geral.»

«Como obra de educação intelectual, o Integralismo trata de criar o sentido de autonomia nacional das *élites*, o gosto pelos estudos desenvolvendo o ângulo da sua visão social e política, de sorte a corrigir não somente os vícios que advieram do unilateralismo do século XIX, como os que provieram do regionalismo geográfico.»

«Como escola moral, o Integralismo discrimina pelas suas legiões, bandeiras, terços e decúrias os conhecimentos indispensáveis à for-

mação de uma consciência nacional esclarecida e subordinada aos imperativos espirituais e cívicos, sem os quais não se concebe a grandeza de uma pátria.»

«Como escola de disciplina, de hierarquia, o Integralismo é um centro cultural de virtudes individuais para a construção do Todo Nacional. Como cultura física, age no sentido de dotar os camisas-verdes não somente de uma consciência sanitária, mas de uma capacidade de luta, para o que mantém a instrução militar e o cultivo dos desportos atléticos.»

Estática revolucionária — «Cada civilização é uma conciliação entre o determinismo da história e o arbítrio individual, da qual tira os efeitos necessários o Génio Político, o Homem de Acção. Toda a Revolução se dissolve na anarquia, na ruína total, se não encontra o seu 18 Brumário. O 18 Brumário não é um golpe de morte sobre a Revolução, é a própria Revolução que encontrou o seu centro de equilíbrio.»

O senso brasileiro da liberdade — «O nosso senso da liberdade vinha da própria lição das distâncias geográficas. Dispondo de um continente, o homem do Brasil sentia a possibilidade de locomover-se para onde quisesse, em que direcção entendesse... Não havia uma liberdade a conquistar, como na Europa. Aqui, ao contrário, havia um conjunto de deveres a criar, pois

a liberdade era ilimitada e realizava-se sem esforço.»

Inalterabilidade do Estado — «O que nos interessa, ao idearmos o Estado, não é a intangibilidade de suas expressões formais, porém a inalterabilidade de sua essência, que é, ao mesmo tempo: 1.º) independente das acções e reacções do organismo social; 2.º) dependente delas no que respeita à sua actividade prática, às suas realizações objectivas, aos seus meios pela persistência de valores imutáveis, segundo a contingência dos valores transitórios.»

O Estado liberal — «O Estado liberal vive num mundo, os habitantes do país num outro mundo. Naquele todos os interesses se equivalem, todos os homens se reduzem a uma só expressão: expressão cívica. Neste outro, os homens são diferentes entre si, só havendo uma unidade, que é a das aspirações humanas comuns.»

O erro filosófico da concepção científica do mundo — «A crise contemporânea é o resultado de um erro filosófico derivado da concepção científica do mundo. O Renascimento abriu ao homem os horizontes da ciência. Vieram os métodos de investigação, poderosos e felizes. Mas a mentalidade humana, à força de experimentação e de critério científico, sofreu uma deslocação do sentido totalista do universo. No decorrer do século mais recente a concepção integral

veio cedendo terreno ao espírito desagregador. Em seguida a uma humanidade que considerava o mundo segundo a síntese, tivemos uma humanidade que o considerou segundo a análise.»

Liberdade — «Alguma coisa está nascendo no caos da vida moderna. Precisamos de liberdade para compreendê-la. Liberdade não no sentido de apreensão, de conquista, que é a liberdade do século passado, mas liberdade de desprendimento, de coragem, de amor à verdade...»

Fases da Humanidade — «A primeira Humanidade veio da caverna até à criação do politeísmo; a segunda, do politeísmo ao monoteísmo; a terceira, do monoteísmo ao ateísmo, e a quarta, que é a nossa, encontra-se na mesma situação trágica da primeira, diante do mistério universal.»

Judeia de profetas e de doutores — «A nação judaica cumpriu o seu destino histórico até ao Cristianismo. Daí por diante, porque não compreendeu a sua grandiosa missão, que terminara, tornou-se uma força destrutiva. Houve sempre uma Judeia de profetas e outra de doutores. Os profetas levam à vida, os doutores levam à morte. Os doutores são a peste dos povos, pela ausência do espírito criador, suprido pela controvérsia e o sofisma.»

O empirismo e o estoicismo das democracias

modernas — «As linhas mestras das democracias modernas inspiram-se no velho epicurismo e no velho estoicismo. A doutrina económica de Adam Smith é estoica: o Estado cruza os braços. É esse o mesmo sentido do evolucionismo spenceriano e do positivismo comtista. Ressurgiram, dominadores, Zenon e Epicuro. Os Governos são estoicos, a sociedade é epicurista.»

Negativismo — «O marxismo pode ser expresso pelo sinal *menos*; o espiritualismo pelo sinal *mais*; só o positivismo da burguesia do ocidente será expresso por *zero* — porque só nega quem não considera as causas e as finalidades.»

Kant — «Obscuro, complicado, profundo, Kant exprime a caótica nebulosa do espírito do seu tempo, da qual haviam de destacar-se as grandes ideias nucleares de sistemas geradores de novos rumos científicos, sociológicos, religiosos e políticos. Kant é como essas transcendentess sinfonias wagnerianas que parecem usinas animadoras de harmonias, contendo na sua grande massa como que os limbos de todos os ritmos. Desenvolvem-se em Kant as forças paralelas da moral dogmática e do sistema crítico. Ele vem de Leibnitz e de Wolff, de Rousseau e de Newton. É o grande *complexus* despertado por Hume do sonho dogmático, de que derivarão constelações de filósofos e de pensadores. O século XIX acorda com essa linguagem, que

vai traduzir-se na lei dos três estados de Augusto Comte, na sociologia cósmica e mecânica de Spencer, no monismo de Haeckel e Lamarke, no cientifismo evolucionista de Darwin e de Buchner, de que Virchow deduz a linha política do socialismo. Dêsse impulso inicial procede de certa forma o individualismo de Nietzsche, de Carlyle, de Schopenhauer, o socialismo de Blanqui e de Lassale, tôda a galeria do anarquismo, que vai de Proudhon e Max Stirner a Bakounine, Kropotkine e Tucker. Karl Marx saíu também dessa imensa nebulosa.»

Superioridade racial — «O tipo dólico-louro, que, nos tempos em que a navegação nos «mares tenebrosos» dependia do heroísmo, não descobriu nenhuma terra, passou a ter a hegemonia dos mares já descobertos quando o heroísmo foi substituído pela máquina a vapor. Então, para justificar os seus progressos, começou a medir os crânios, proclamando a inferioridade dos povos morenos...»

Novo conceito do Estado — «Os que são moços pertencem à Humanidade que está nascendo e que saberá, em cada país, criar novos padrões de cultura, de moral, de direito, de administração e de política, que criará uma nova autoridade baseada numa concepção de origem e de finalidade do Mundo; o Estado que defenda o indivíduo contra a Sociedade e a Sociedade

contra o indivíduo; o Estado que seja opositor do equilíbrio, o mediador máximo, o juiz, o orientador, o propulsor; o Estado capaz de renovar-se por si mesmo, de conformidade com as novas e crescentes necessidades da vida humana. O Estado que concebemos não será um Estado unilateral, oriundo dos caprichos da soberania popular e do sufrágio universal, uma simples projecção jurídica de um aspecto apenas da nacionalidade, e sim a própria Nação juridicamente organizada.»

A vida sindicalista — «A luta de classe, que atormenta a Europa, poderemos evitá-la fazendo o que a Europa não fez quando era tempo. A onda sindicalista, de forte sentido soreleano, desencadeou-se no Velho Mundo favorecida pelo estoicismo do Estado Liberal, indiferente diante do espectáculo trágico de luta entre opressores e oprimidos. É que uma filosofia materialista dominou as nações europeias. Tôdas as injustiças foram justificadas pelo *struggle for life* de Darwin, sistematizado pelos evolucionismos spenceriano e haeckeliano. É essa mesma filosofia atéista, que nega o valor espiritual do homem, a que serve de base ao socialismo experimental de Marx.»

Filosofia e ciência — «A última metade do século XIX caracterizou-se pelos rumos originados de um só facto: a colocação no mesmo plano da filosofia e da ciência. A ciência, pelo seu

carácter experimental, materializou a filosofia, e esta, pela sua índole metafísica, logo contagiou a ciência, perdendo a primeira a sua transcendentalidade e a segunda adquirindo um tom supersticioso, que passou a dominar o Mundo à força de generalizações e profecias. Como consequência, as últimas décadas foram governadas pelas hipóteses, às quais se emprestou mais valor do que aos dogmas. A humanidade que, no dizer de Kant, despertara do sonho dogmático, adormeceu de novo no sonambulismo agitado das suposições transitórias.»

Os fetiches das filosofias burguesas — «A atitude anti-finalista das filosofias burguesas criou o grande sentido de abstenção, de como-dismo fatalista e conformismo estóico. Impossibilitada de viver sem a contribuição do espírito, que é uma das três manifestações essenciais do homem, essa civilização criou, como impulsionadores da marcha política, pobres fetiches e deuses débeis, que deveriam co-honestar vagos princípios de moralidade, de harmonia social. A religião da Humanidade, de Cernete, ou a filantropia do pragmatismo americano não passaram de superstições destinadas a substituir o elemento espiritual abandonado.»

Fortalecimento da autoridade — «Chegamos no fim do século XIX a uma situação curiosíssima: possuíamos um direito para o mundo antigo e estávamos vivendo num mundo moder-

no... O mundo moderno está enfêrmo por falta de autoridade... A Conferência de Londres falhou, e isso pelos motivos expostos por Oliveira Salazar, quando afirmou que de nada valeria assentar medidas quando os governos não têm autoridade para cumpri-las... Por isso o movimento das juventudes de tantos países em favor do Estado Forte. Por isso a última crise na política francesa; o depoimento de Lloyd George, que declara morto o liberalismo; de Caillaux, de Tardieu, de Boncour, que anunciam a morte do Estado liberal-democrático. Por isso ainda a atitude recente de Roosevelt tentando, num supremo esforço e sem alicerce político preparado, impôr uma ditadura económico-financeira...»

Originalidade do integralismo brasileiro — «O integralismo é, no Brasil, diverso do integralismo francês de Maurras, que não passa de um *nacionalismo integral*, com a preocupação de restaurar as tradições. Diverso é, também, do integralismo lusitano, que transplantou o sentido tradicionalista da corrente gaulesa, com a tendência para reatar o processo social moderno ao espírito medievalista. Diferente é, por outro lado, não só do racismo alemão, cuja tese de superioridade étnica exprime um prejuízo de cultura, como ainda do fascismo italiano, ao qual somente nos ligamos no concernente à nova atitude do Estado em face da luta social. O movimento integralista brasileiro é um movi-

mento de cultura que abrange : 1.º — uma revisão geral das filosofias dominantes até o comêço dêste século, e, conseqüentemente, das ciências sociais, económicas e políticas ; 2.º — a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente, o século passado.»

.....

Não temos a pretensão de haver podido resumir nesta colheita as múltiplas facetas do pensamento de Plínio Salgado.

Mantendo-nos em absoluta isenção sôbre as ideologias políticas professadas — pois que a êste trabalho são alheias as cogitações políticas — subordinamos a composição destas antologias ao critério exclusivo de definir a posição do *pensador* perante os problemas do nosso tempo e de destacar nas suas directrizes fundamentais o espírito de unidade que os entrelaça no mesmo e unânime propósito de esclarecer e servir os destinos do Brasil.

ÍNDICE

	Pág.
PREFÁCIO	7
Gilberto Amado.....	25
Ronald de Carvalho.....	41
Baptista Pereira	61
Azevedo Amaral	81
Gilberto Freire	101
Tristão de Ataíde.....	119
Plínio Salgado	137